

GRUPO CORPO

Nazareth

(estreia 1993)

coreografia: **Rodrigo Pederneiras**

musica: **José Miguel Wisnik**
(sobre obra de Ernesto Nazareth)

cenografia: **Fernando Velloso**

figurino: **Freusa Zechmeister**

iluminação: **Paulo Pederneiras**

Duração: 40 minutos

DE COMO NAZARETH E MACHADO ENCONTRAM-SE NA OBRA DE WISNIK E PEDERNEIRAS

*“De um conto de Machado de Assis:
um compositor de polcas quer fazer música clássica, como Mozart, Beethoven ou
Cimarosa, mas as musas se recusam, e dos dedos só lhe saem plágios. Em
compensação, as polcas brotam sem esforço, originais, cintilantes, e fazem enorme
sucesso da noite pro dia. Sucesso que só confirma para ele
o tamanho do próprio malogro.”*

(**JOSÉ MIGUEL WISNIK**, no texto que escreveu para o programa de “NAZARETH”)

O impasse musical vivido pelo personagem Pestana no conto “O Homem Célebre” (1890), de Machado de Assis (1839-1908), resolve-se de forma singular na história da música popular brasileira na obra de um contemporâneo (e conterrâneo) do genial escritor carioca: **Ernesto Nazareth** (1863-1934). Personagem verídico do universo emergente das polcas amaxixadas retratado no conto de Machado, **Nazareth** escreveria música popular com requintadas construções eruditas, saindo-se com igual brilhantismo em suas (raras) incursões pela música de concerto, mas só colheria os louros da fama lá pelos anos 20 do nosso século - depois, portanto, do desaparecimento do criador de *Brás Cubas*. Machado, por sua vez, foi mestre na arte de dispor palavras como quem faz música. Obras

como o romance “*Esáu e Jacó*” ou o conto “*O Espelho*” revelam uma surpreendente e aguda percepção do conceito de espelhamento melódico. Recurso que, quando aplicado sobre determinadas peças de **Nazareth**, através de movimento retrógrado induzido por computador, transforma-se em preciosa ferramenta para a releitura de sua obra, desvendando inopinadas e cristalinas construções melódicas.

Foi a partir desta constatação que o compositor e escritor paulista **José Miguel Wisnik**, professor de Literatura Brasileira na USP (Universidade de São Paulo), embrenhou-se na criação da trilha musical do balé. Pianista de formação erudita e autor de canções modernas identificado com a vanguarda musical de São Paulo, **Wisnik** é um apaixonado pela zona de fronteira entre o erudito e o popular, que considera a grande questão da música brasileira. O convite dos irmãos Pederneiras para compor uma trilha inspirada na música de **Nazareth** caiu, então, como uma luva exata sobre os estudos e reflexões que já vinha desenvolvendo em torno do tema e, em particular, da obra do inventor do “tango brasileiro”.

Sem abandonar a linguagem do instrumento original do pianista **Ernesto**, o autor de “*O Som e o sentido - uma outra história das músicas*” urde uma base de computador e teclados, criada durante a gravação (em estúdio mídi), e sobre ela desenha os detalhamentos - com instrumentos acústicos típicos dos conjuntos de choro da época (violão, flauta, cavaquinho e bandolim), assimilados pela música popular brasileira tempos depois (percussão e trombone), ou emprestados das formações eruditas (um naipe de oito cordas). O resultado é um trabalho autoral, inteiramente original e contemporâneo, de onde dimana, a cada nota, a força da música de **Nazareth**. São comentários, citações, variações, que bebem sempre da mesma fonte, mas vão desaguar, irremediavelmente, em outros braços de mar.

Como o Machado de “*Esáu e Jacó*” e “*O Espelho*”, **Rodrigo Pederneiras**, o mago dos movimentos do **CORPO**, engendra uma coreografia espelhada, repleta de imagens dúbias e cenas que vão e voltam, conferindo a “**NAZARETH**” um tratamento espacial flagrantemente diferente de “*21*”, o balé que o precedeu (e precede ainda neste programa duplo). Enquanto “*21*” lança mão de *blackouts* frequentes para delinear quadros independentes e diferenciados, “**NAZARETH**” reassume a “caixa preta” do teatro, deslizando com fluidez pelo chão de polcas, chorinhos e maxixes criados por **Wisnik** e seu inspirador.

Freusa Zechmeister veste o **GRUPO CORPO** com um pé nos tempos de **Nazareth** e outro na modernidade. Em tons de cinza, preto e branco, o figurino tem linhas arrojadas que beiram o futurismo, e adereços que remetem à elegância do começo do século.

Concebidas por **Fernando Velloso** e confeccionadas pelo carnavalesco **Luis Rossi**, da escola de samba paulista Vai Vai, 14 rosas tridimensionais em tela de metal, com 1,70m de diâmetro, flutuam no espaço cênico, penduradas por fios de aço. A luz em tons de âmbar e pêssego de **Paulo Pederneiras** termina de compor a ambiência deste “**NAZARETH**” pós-moderno. Que já nasceu clássico.

Texto: **Angela de Almeida**
abril/93